



Revista eletrônica da Escola de Educação Física e Desportos - UFRJ

VOLUME 5 NÚMERO 1
Janeiro / Junho 2009

A SETUAGENÁRIA ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS

Waldyr Mendes Ramos

Atleta de natação e polo aquático do Botafogo F.R. iniciei meus primeiros passos no campo da educação física, em 1968, por influência de meus professores, os saudosos Ruy Essucy, Juan Alberto Carranza e Roberto Pavel. Comecei a frequentar nossa Escola de Educação Física e Desportos(EEFD) em 1969 quando a unidade organizava um curso preparatório para as provas de habilidade específica do vestibular, no campus da Praia Vermelha. Em 1972 recebi o diploma de Licenciado em Educação Física e em abril de 1977 fui contratado como Auxiliar de Ensino em regime de 40 horas.

Hoje, no cargo de Diretor da EEFD, eleito pela quarta vez para cumprir o mandato 2006-2009 (atuei como Diretor nos anos de 1986-1989 e 1998-2002 e como Vice-Diretor em 1993-1997), sinto grande satisfação e orgulho em pertencer a esta comunidade quando atingimos os 70 anos da sua fundação.

Registro, nestas linhas, meus pensamentos que, envolvidos pelas memórias de um passado recente, são apresentados sem a preocupação com o rigor acadêmico ou

cronológico, relatos de acontecimentos, realizações ou lembranças que fazem parte de interpretações do passado recente da EEFD.

Em 1986 fui eleito Diretor tendo, como Vice Diretora, a dedicada e competente professora Márcia Fajardo de Faria, no momento em que havíamos conquistado, no Brasil, o direito de eleger nossos governantes (movimento pelas “Diretas Já.”). Assumira o poder, face o falecimento de Tancredo Neves, o Presidente Sarney, com o lema “Tudo pelo Social”... sic, e a democracia ampliava-se com grande participação dos movimentos sociais organizados que contagiavam todos os setores da sociedade. Por outro lado, o país, altamente endividado, interna e externamente, abandonava o modelo desenvolvimentista e mergulhava em uma grande crise econômica que nos levaria à hiperinflação e às graves conseqüências que contribuiriam para ampliar nossas desigualdades sociais fazendo aflorar a fome e a miséria em escala macro.

Nossa escola era responsável pelo curso de Licenciatura em Educação Física estruturado, na época, com base na Resolução CFE 69/69 a qual estabelecia um currículo mínimo para todos os cursos de licenciatura em educação física no Brasil. O teste de habilidade específica era obrigatório e reprovava cerca de 20% dos candidatos. Oferecíamos 100 vagas por semestre (50 femininas e 50 masculinas). Nosso curso de Mestrado em Educação Física gozava de bom conceito na avaliação da CAPES, graças ao esforço e a dedicação dos seus professores, principalmente, Fernanda Barroso Beltrão e Guilherme Abtibol, ex-coordenadores do curso e ao professor Maurício Rocha, responsável por uma das linhas de pesquisa e pelo preparo de pesquisadores para todo o país e alguns países da América Latina no Laboratório de Fisiologia do Exercício.

Recordo que, em reunião de nossa Congregação, eu alertara nossas lideranças para a necessidade dos departamentos investirem na qualificação dos docentes, uma vez que a legislação da carreira docente não adotava, ainda, a titulação como critério para progressão. Propus, então, que exigíssemos, pelo menos, o título de mestre como condição para que os Professores Assistentes atingissem a categoria de Professor Adjunto. A proposta foi rejeitada embora já possuíssemos vários docentes com mestrado. Uma década depois nosso curso foi encerrado pela falta de docentes em virtude das aposentadorias ocorridas, prematuramente, face às ameaças que o governo Collor fazia em relação a mudanças nas regras para a aposentadoria dos funcionários públicos.

Mudanças no vestibular de acesso à UFRJ implantadas pelo Reitor Horácio Macedo (provas discursivas), fizeram com que nosso curso chegasse a ter no segundo semestre de 1987, 100 vagas ociosas, fato imperdoável numa universidade pública. Dentre as medidas adotadas para modificar aquela situação que não poderia continuar a UFRJ reduziu as notas mínimas e nós, apesar do protesto de alguns, aprovamos o fim das provas de habilidade específica que impediam, certamente, a participação de bons estudantes. Curiosamente, as demais universidades do país adotaram as mesmas medidas nos seus concursos para o curso de educação física. Propusemos, também, o término da reserva de vagas masculinas e femininas e passamos a selecionar os 200 melhores classificados nos concursos de seleção a EEFD independente de sexo. Neste período deixamos de adotar, também, as regras predominantes, até aquele momento, que obrigavam a separação dos alunos em turmas femininas e masculinas. As aulas das diversas disciplinas práticas passaram a ser mistas.

Lembro-me da dificuldade que tive para convencer o Corpo Deliberativo de meu departamento a aceitar que a disciplina pólo aquático fosse mista. Interessante registrar, entretanto, que, a partir dessa experiência, formamos equipes femininas de pólo aquático na EEFD que vieram a ser o embrião do pólo aquático feminino no Brasil.

As discussões sobre as novas propostas curriculares para o curso de licenciatura em educação física ocorriam em todo o país e, convocados para reunião realizada no plenário do Conselho Federal de Educação no ano de 1987 para que o Relator da nova proposta curricular nos apresentasse seus principais pontos, fomos surpreendidos com a proposta de inclusão da opção para a formação do bacharel em educação física e, em face de falta de discussão acumulada sobre o assunto, na EEFD, fomos o único curso a opinar contra a existência da formação de bacharéis em educação física através da Resolução CFE 03/87. Considerávamos que não se justificava, na nossa área profissional, a figura do bacharel.

A administração do Professor Horácio Macedo deu grande impulso à extensão naquele período e nossos professores desenvolveram diversos projetos. Com a retomada do campo de esportes Professor Ernesto Santos, na Praia Vermelha, a professora Margarida Thereza Nunes da Cunha Menezes foi convidada para atuar como administradora da área. Ela, a professora Lucia, e a equipe de professores e funcionários lá localizados desenvolveram vários projetos esportivos que contribuíram, certamente, para melhorar a formação de nossos estudantes. As colônias de férias e os cursos de natação foram os mais procurados pela população do entorno. Neste período contribuímos para a implantação do Projeto “Clube Escolar”, em convênio com a Secretaria Municipal de Educação. O projeto foi elaborado pelo professor Paulo César Rodrigues Carrano, ex-aluno da EEFD, e seu primeiro coordenador. O projeto trouxe um movimento importante para nossa escola, pois,

em pouco tempo, professores e estudantes passavam a interagir com as atividades do projeto com o objetivo de ampliar as vivências teórico-práticas no ensino de esportes.

Neste período foi reativado, com muito sucesso, o Grupo de Danças Folclóricas da EEFD que passou a se chamar Companhia Folclórica do Rio-UFRJ que, sob a coordenação da Professora Eleonora Gabriel, realizou seu primeiro projeto, a “Memória Cultural do Rio de Janeiro” composto de pesquisas bibliográficas, de campo e de outros meios acerca de manifestações folclóricas do estado do Rio de Janeiro. Esta pesquisa levou à elaboração do espetáculo Rio Janeirices e a publicação de um CD-livro com manifestações de grupos tradicionais como o grupo de Cirandeiros de Tarituba (Paraty). O Departamento reativou, também, o Grupo de Dança Moderna e Contemporânea Cia Helenita Sá Earp que se expandiu com a criação de outros grupos de pesquisa e produção artística.

No início dos anos 90 tivemos que conviver com o primeiro presidente eleito, democraticamente, após o golpe militar, Fernando Collor de Melo (“o Caçador de Marajás”) que deu início a uma profunda política de ajuste de cunho liberal. Os recursos financeiros para o custeio da Universidade eram insuficientes e as instalações de nossa escola, inauguradas em 1972, começavam a dar sinais de desgaste.



Passamos por uma grande crise no início desta década sob a Direção dos Professores Vernon Furtado e Sonia Figueiredo (Vice Diretora) que culminou com o afastamento do Diretor da EEFD.

A posse de Itamar Franco, após o impeachment de Collor, trouxe-nos novo alento. O governo Itamar (o do Plano Real) iniciou uma campanha pela abertura de cursos noturnos nas IFES e, em 1994, sob a Direção da Professora Sonia Figueiredo e eu na qualidade de Vice Diretor, implantamos os Cursos de Bacharelado em Educação Física (100 vagas anuais) e Bacharelado em Dança (40 vagas anuais).

Foram muitas as dificuldades nos primeiros anos uma vez que os recursos financeiros e humanos prometidos não foram alocados, fato que provocou grande descontentamento

entre os professores e estudantes. Fomos, entretanto, a primeira universidade pública no Estado do Rio de Janeiro a oferecer tais cursos no horário noturno. Lembro-me, ao ministrar aulas para as primeiras turmas do curso noturno que o percentual de alunos trabalhadores era de 98%, demonstrando-nos a importância social que nosso esforço representava, pois, certamente, eram, na maioria, estudantes que não poderiam arcar com as despesas de um curso em universidades privadas. Outro ponto que considero digno de registro é a contribuição, que a alocação de novas vagas docentes e de funcionários técnico-administrativos, trouxe para o início de um novo ciclo na EEFD.

Um excelente projeto implantado pela reitoria, neste período, foram os Laboratórios de Informática para a Graduação (LIG). Nosso laboratório, coordenado pela dedicada e competente funcionária Alva Valeria foi bastante ampliado, tornando-se parte do Setor de Informática da EEFD que, atualmente, dentre outras tarefas, é a responsável pela política de informática da escola, manutenção de nossa página na Internet e manutenção da rede de 100 computadores dos diversos setores.

Assumi a Direção da EEFD, novamente, em 1998 com o professor Marcos Primo como Vice Diretor. Nosso mandato (1998 a 2002) foi marcado por grandes dificuldades. Fernando Henrique Cardoso, em seu segundo mandato nomeou, para Reitor da UFRJ o terceiro colocado da lista tríplice aprovada pelo Conselho Universitário, o professor Carlos Henrique Vilhena, levando a UFRJ a uma longa crise institucional. Além dos recursos do orçamento federal custarem a chegar à UFRJ com regularidade, a reitoria não possuía critérios para sua distribuição. Nossa unidade foi bastante prejudicada com a falta de recursos para seu custeio e pagamento de serviços, principalmente, aqueles relacionados à manutenção de equipamentos e instalações. Não havia dinheiro nem para a compra dos materiais utilizados

nas aulas das diversas disciplinas práticas. Os aluguéis dos espaços comerciais e dos campos e quadras do campus da Praia Vermelha assim como os recursos arrecadados com os cursos de natação, que passaram a ser pagos, foram nossas principais fontes de custeio. Mesmo assim e com os recursos arrecadados com os projetos no campus da Praia Vermelha, reformamos os vestiários da piscina, adquirimos bombas de calor para as piscinas ali localizadas, construímos um auditório para 60 pessoas e reformamos os equipamentos da sala de musculação.

Organizamos, no início do mandato, um grande seminário interno para deliberarmos sobre os principais projetos que deveríamos desenvolver em nossa escola nos anos seguintes. Os professores indicaram que deveríamos priorizar a elaboração de nova proposta curricular e propor nova estrutura departamental. Os professores Alexandre Melo, Heloisa Alonso e Ângela Bretas compuseram o grupo de trabalho responsável pelas propostas. As mesmas deixaram de ser implementadas em virtude das Resoluções do CNE que fixaram, em 2002, diretrizes curriculares para o ensino básico e para todos os cursos de graduação. As discussões sobre a estrutura departamental foram postergadas pelas dificuldades dos professores em deliberar sobre o assunto. Neste período o Professor Victor Mello iniciou os trabalhos para a criação do Centro de Memória Inezil Penna Marinho.

A eleição de Luiz Inácio Lula da Silva para Presidente trouxe, para a população brasileira, grandes esperanças. Na UFRJ, a vitória do Professor Aloísio Teixeira para Reitor da UFRJ, em 2002 contribuiu para que nossa universidade retornasse gradualmente, à normalidade. Neste período assume a direção da EEFD o Professor Alexandre Mello tendo como Vice-Diretor o Professor Mario Thomaz que contribuíram para a ampliação do nº de salas de aula que, em sua maioria recebeu aparelhos de refrigeração, a conclusão das

reformas curriculares dos cursos de licenciatura e bacharelado em educação física e início da discussão para a elaboração do projeto de um novo Curso de Mestrado. O Curso de Bacharelado em Educação Física teve suas vagas ampliadas passando a receber, em 2006, nova turma (40 alunos por semestre) com funcionamento no horário da tarde. A antiga revista Arquivos da ENEFD foi relançada, em 2005, com o nome “Arquivos em Movimento”. As professoras Sílvia Lüdorf e Heloísa Alonso foram, dentre outros, as principais responsáveis pelo trabalho de publicação dos primeiros números. Hoje a revista é publicada em formato digital e tem grande procura de pesquisadores para publicação de trabalhos.

Assumi a Direção, novamente em agosto de 2006 tendo como Vice-Diretor o Professor José Maria Pereira da Silva. Observa-se que os professores da EEFD ampliaram exponencialmente sua participação em projetos de pesquisa e extensão (existem cerca de 14 grupos de pesquisa e 20 projetos de extensão) fatos que contrastam com a situação das instalações da EEFD. A regularização dos repasses do orçamento federal para as unidades da UFRJ não tem sido suficiente pra que façamos uma grande reforma em nossas instalações. Conseguimos que a Reitoria inicie, ainda este ano, uma grande reforma nos telhados e coberturas dos ginásios em face das goteiras que aparecem em quase todas as salas da EEFD comprometendo as instalações e equipamentos. Há promessas de reformas nas instalações hidráulicas e elétricas.

Com projeto elaborado pelo grupo de trabalho composto pelos professores Drs. Silvia Ludorf, Liliam Fernandes de Oliveira e Alexandre Mello, nosso Curso de Mestrado em Biodinâmica do Movimento Humano foi aprovado pela CAPES em 2008. Coordenado pelo Professor Dr. Fernando Augusto Monteiro Saboia Pompeu o curso foi iniciado em março de

2009 com aula inaugural proferida pelo Professor Titular Adalberto Ramón Vieyra e tendo como palestrantes convidados os Professores Drs. Lamartine Pereira DaCosta, Alfredo Gomes Faria Junior e Helder Guerra de Resende, amigos ilustres que muito vem colaborando com a EEFD. O Departamento de Biociências da Atividade Física deu grande contribuição cedendo a maioria dos professores para o curso. Neste momento os professores liderados por Silvia Ludorf e Victor Mello estão se reunindo para elaborar o projeto de outra área de concentração ou a proposta de um mestrado na área interdisciplinar.

O Projeto “REUNI” lançado pelo Ministério da Educação e bastante atacado pelas lideranças estudantis, fez com que várias unidades da UFRJ propusessem novos cursos de graduação. O Departamento de Arte Corporal oferecerá, no segundo semestre de 2009, mais 40 vagas no Curso noturno de Bacharelado em Dança e pretende criar, em 2010, os cursos de Licenciatura em Dança e Teoria da Dança (aprovados pela Congregação). Como contrapartida a Reitoria da UFRJ comprometeu-se a construir um conjunto de novas salas que irão abrigar as atividades dos novos cursos e permitir maior conforto para os professores, estudantes e servidores técnico-administrativos.

Iniciamos, em 2008, discussões sobre uma nova estrutura administrativa para a EEFD. Na minha opinião a estrutura departamental, baseada em disciplinas, está totalmente defasada. Nossa Congregação da EEFD delegou aos representantes de docentes, servidores técnico-administrativos e estudantes a organização de um Congresso Interno, paritário, que teria o objetivo de elaborar o novo regimento da EEFD. Infelizmente os três segmentos não manifestaram interesse.

Tenho dificuldades em encerrar este pequeno relato, pois, cada vez que o releio, novas recordações surgem. Considero, entretanto, que temos um razoável resumo de ações empreendidas nos últimos anos. Não fui exaustivo na lista de acontecimentos, nem esse era o propósito. Acredito que a EEFD tem muito a comemorar nos seus 70 anos. Devemos trabalhar para que seus objetivos sejam, cada vez mais, comprometidos com a diminuição das grandes desigualdades existentes em nosso país.